

Restauro do mosaico romano

Painéis já intervencionados

Há muito que se sabe da existência de painéis musivos em Portugal. No entanto, apenas são conhecidas intervenções em mosaicos romanos, a partir do séc. XVIII (1758).

Nem sempre as intervenções em painéis musivos foram efectuadas segundo critérios científicos. Em boa verdade, nessa época, estes ainda nem sequer estavam definidos.

A segunda metade do séc. XIX foi rica em achados e intervenções em painéis musivos, descobertos um pouco por todo o País, em especial no Algarve. Alguns destes mosaicos foram levantados na totalidade, enquanto de outros apenas foram retiradas amostras, normalmente com as figuras ou os motivos geométricos mais apelativos. Após o levantamento, foram encaixilhados e enviados para o Museu Nacional de Arqueologia (MNA), em Lisboa, onde estão depositados. Neste período, a técnica aplicada baseava-se nos seguintes procedimentos: os mosaicos levantados, na totalidade, eram cortados de forma regular em placas de cerca de um metro quadrado, sendo depois depositados no MNA. O novo suporte consistia em reforçar pelo tardoz com cimento armado, mantendo totalmente o suporte. Por fim, refaziam-se os cortes e, por vezes, algumas lacunas. As placas do mosaico ficavam com cerca de 15 centímetros de espessura.

Em 1947, foi descoberta a estação arqueológica de Torre de Palma, em Monforte, Alentejo. O magnífico conjunto de mosaicos descobertos levou a que os responsáveis da época chamassem a Portugal uma equipa de especialistas italianos. Estes dominavam uma técnica revolucionária para a época, que consistia no levantamento do mosaico em placas uniformes de dimensões ajustadas aos seus desenhos. Estas placas eram levantadas com a ajuda de uma tela de pano cru colada sobre a superfície do mosaico. Em seguida, eram limpas de todo o



Mosaico do Oceano (descoberto em 1976), Museu de Faro


suporte original e uma placa de cimento armado, com espessura variável entre cinco e sete centímetros, era fundida pelo tardoz. Esta técnica foi utilizada até 1970.

A conservação dos painéis de mosaicos levantados nessa fase coloca hoje algumas questões relativas à sua preservação. Quanto aos mosaicos levantados na totalidade no período anterior a 1947, os danos causados pelo seu armazenamento não foram significativos. Para isso, contribuiu o facto do cimento ter sido aplicado sobre o suporte original, o que criou um isolamento à penetração do cimento até ao tessellato. Neste momento, está em fase de restauro, no Atelier de Restauro de Mosaico Romano do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (MASMO), o mosaico dito de Apolo de Póvoa de Cós, Alcobça, descoberto em 1905.

Situação muito diferente se verifica nos mosaicos totalmente fundidos em cimento. Aquilo que, na época, parecia uma técnica revolucionária revelou-se um enorme quebra-cabeças, em especial para os mosaicos repostos *in situ*.

Os grandes problemas com estes mosaicos prendem-se com o aparecimento de microrganismos vegetais que enegrecem e, por vezes, destroem as tesselas, assim como com a incompatibilidade entre as argamassas originais e o cimento. Nestes casos, a opção no Atelier do MASMO passa pela remoção total do cimento e pela construção de um novo suporte sintético, tendo sempre em conta as suas características de reversibilidade.

A existência de grande quantidade de painéis de mosaicos nas condições descritas leva-nos a equacionar a capacidade actual de intervenção nestes casos. Para isso, é preciso formar mais técnicos mosaicistas, a fim de que seja possível intervir mais e melhor no património musivo em Portugal.

Esta é uma tarefa que o Atelier do MASMO está em condições de executar. 

CARLOS BELOTO,
Técnico de Conservação e Restauro,
Responsável Técnico pelo Atelier
de Restauro de Mosaico Romano
do Museu Arqueológico de S. Miguel
de Odrinhas (MASMO)